

Um mestre da calçada portuguesa

Entrevista José Cardoso

José Cardoso é hoje um dos poucos calceteiros profissionais que faz a calçada portuguesa artística como manda a tradição. Os seus trabalhos podem ser admirados não só em Portugal mas também um pouco por todo o mundo, desde Macau aos Estados Unidos, passando pelo Qatar e por vários países europeus.

Favoritos

NÃO DISPENSO...

ler o jornal e ver o mar

GOSTO DE SABOREAR...

um bom peixe, acabado de apanhar

IR PASSEAR...

à Lagoa e à praia da Foz

✍ AOS 74 ANOS, José Cardoso, mais conhecido por Zé Speed, é um mestre da calçada portuguesa. O seu conhecimento sobre esta arte é único, por isso está atualmente a contribuir para a candidatura da Calçada Portuguesa a Património da Humanidade. «Foi o dia mais feliz da minha vida e senti um grande orgulho em poder ajudar com aquilo que sei», garante. José nasceu na Almoimha, há 74 anos, e aprendeu muito novo a partir de pedra com o pai. «Com 15 anos já cortava pedra com um martelo e com 18 passavam pelo meu braço 6 mil quilos de pedra por dia». Como queria aprender mais, um dia decidiu ir pedir trabalho a um mestre calceteiro de Lisboa. «O senhor Manuel Fadista sabia muito desta arte, e tinha muita prática», afirma. José destacava-se entre os colegas por ser muito rápido e por aprender depressa. «Cortava o dobro da pedra dos outros, e melhor». Com mais de 40 anos de experiência, gosta de frisar que é o corte da pedra que faz sobressair os bons calceteiros. «Tem de se saber desempenar (endireitar) a pedra para ela encostar certinha à outra», explica. Conhece todos os tipos e cores de pedras, e com um simples toque facilmente percebe se têm algum problema. «Costumo dizer que tiro a radiografia à pedra sem lhe perguntar nada, basta colocá-la na minha mão e dar-lhe um toque», revela, acrescentando que gosta de «sentir a pedra na mão» por isso não usa luvas. Corta as pedras em vários tamanhos e feitios, tudo a olho, até mesmo de meio centímetro. Uma prática que ganhou com muito treino e dedicação. «Tenho o dedo aleijado de tantas marteladas que levou. Vou sempre ao pormenor, e quando a pedra é muito pequenina é mais difícil», diz. Foi a sua forma de estar e de

trabalhar que o tornou conceituado entre os da sua arte. Em 1997, pela mão do arquiteto Caldeira Cabral, viajou até Macau para realizar o seu primeiro trabalho fora de Portugal. Nos últimos 20 anos, deixou a sua marca um pouco por todo o mundo e guarda com um enorme carinho as fotografias que registam os seus trabalhos. Depois de Macau, passou também pela Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Qatar e Espanha. Ernesto Matos, um dos grandes defensores da calçada portuguesa, tem utilizado imagens dos trabalhos de José Cardoso em vários livros, postais e numa coleção de selos dos CTT. De todos os trabalhos que fez gosta de destacar a calçada realizada há 47 anos na Rua de Santo António, em Faro. «Está um trabalho muito bonito e é impressionante que passados tantos anos esteja tal e qual».

No seu percurso profissional, conta a ainda com um terceiro lugar no Concurso Nacional de Calçada à Portuguesa, em Porto de Mós, e a pedido da Associação de Exploradores de Calçada à Portuguesa elaborou a caravela de Vasco da Gama, que está a representar Portugal pelo mundo.

José Cardoso tem um gosto especial pelo desenho e uma facilidade inata a desenhar para a calçada o que lhe apresentam em papel ou o que ele próprio cria. «Desde pequeno que gosto muito de desenhar e tenho jeito. Consigo facilmente tirar os traços de uma pessoa ou de qualquer outra coisa».

Ao longo a sua vida, o seu espírito aventureiro levou-o por outros caminhos. Trabalhou como empregado de mesa numa casa de família, na Arrábida, e no Hotel do Mar. Foi nesta altura, que recebeu o convite para fazer de duplo no filme israelita *A Vela da Páscoa*. «Eles es-

tavam hospedados no hotel e como tinha um bom físico e sabia nadar bem convidaram-me para participar». Uma aventura que ficou marcada para sempre na sua memória. «Conheci o Vitorino, o Fernando Tordo e o Ary dos Santos, e tive de saltar da Pedra da Anicha, na Arrábida, que tem mais de 17 metros de altura», conta. Anos mais tarde, como se ganhava muito dinheiro a apanhar limo, tirou o curso de mergulho e durante sete anos percorreu a costa entre Cascais e Lagos. «Tenho mais de 3 mil horas de mergulho. Chegava a estar seis horas debaixo de água», relembra.

Com o dinheiro que ganhou comprou o Espadarte Club, um conhecido bar na vila de Sesimbra, e manteve-se no negócio durante 14 anos. José Cardoso adora cantar e dançar, e por isso um dos seus próximos desafios é ter aulas de canto. «Tenho uma boa voz mas gostava de me aperfeiçoar», diz. Mas não há nada que deseje tanto como concretizar o sonho de decorar as sapatas da Marginal de Sesimbra com as barcas das armações. «É uma ideia que tenho já há muitos anos, e não gostava de morrer sem a concretizar».

Apesar de já ter convites para novos trabalhos, em Cádiz e na Ilha da Montanha, em Macau, garante que se conseguir avançar com o projeto da vila prefere ficar por cá. ✍

